

O Império Asteca e as escolas para a formação de guerreiros e sacerdotes

The aztec empire and the schools for the development of the warriors and priests

José Joaquim Pereira Melo

Doutor em História e professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá.
e-mail: jjpmelo@pop.com.br

Resumo

Uma das características da civilização asteca foi a importância atribuída à educação, o que levou os membros dessa sociedade a acreditarem que eram convocados a ensinar os seus pares. Mas os primeiros educadores eram sempre os pais. Apesar do carinho que dedicavam à educação dos filhos, a disciplina, era severa, razão de abundarem os castigos físicos. De modo formalizado, a educação asteca era ministrada em dois centros de ensino: *tepochcalli* e *calmecac*. O primeiro, de caráter prático e rústico, tinha por objetivo a preparação para a vida comum ou para a atividade bélica; enquanto o segundo, de cunho seletivo, estava voltado para a preparação para a vida religiosa ou para os altos cargos do estado. Estes modelos assumidos pela educação asteca atendiam às necessidades produtivas da sociedade e às exigências da estrutura de dominação.

Palavras-chave

Asteca. Guerreiros. Sacerdotes.

Abstract

One of the fundamental characteristics of the Aztec civilization was the importance given to education what made the members of that society believe that they were chosen to instruct their peers. Parents were always the first educators who in spite of the love and fondness given to their children also educated them under strict discipline which included physical punishment. The Aztecs had two formal educational centers: *tepochalli* e *calmecac*. The first one more practical and rustic was intended to prepare the individuals for everyday life and as warriors while the other prepared the elite to become priests and high government officers. These educational models met the Aztec society's productive needs and the demands of the dominative structure.

Key words

Aztecs. Warriors. Priests.

A notável civilização desenvolvida pelos astecas¹ durante os séculos XIV e XV, graças ao seu caráter guerreiro, permitiu a formação de um imenso império, que cobriu toda a zona meridional do atual território mexicano.

Os espanhóis descobriram esse território em 1519, e, deslumbrados, entraram em Tenochtitlán. Até então, não haviam visto nada semelhante em terras americanas: grandes cidades, mercados, palácios suntuosos, templos, uma complexa organização política e social; enfim, riquezas inimagináveis, o que levou Bernal Díaz del Castillo² a considerar a visão da capital como algo irreal, uma fantasia, coisa própria das novelas de cavalaria (DÍAZ DE CASTILLO, 1947).

Herdeiros dos povos que os antecederam no planalto de Anahuac, os astecas representam uma síntese da produção cultural desenvolvida ao longo de nove mil anos naquele território. Na efetivação desse quadro, a educação teve papel fundamental, em vista da preocupação das autoridades e da população em geral com a formação do homem asteca. Assim sendo, a educação cumpriu a sua parte na manutenção dessa sociedade, de forma a ser tão previsível que não se considerava a possibilidade de ser rompida a ordem social, pois o mundo, pelo menos em princípio, era entendido como determinado pelos deuses. Nessa conjuntura, coube à educação instrumentalizar o homem asteca para responder a essa situação, organizando de maneira detalhada a sua vida social. Nesse detalhamento, destacaram-se duas instâncias educacionais: a informal e a formal.

1 A Educação informal

Uma das características da civilização asteca foi a importância dada à educação, ao ponto de constituir uma das peças da defesa montada por Frei Bartolomé de Las Casas³ contra a exploração do nativo americano, pela corte de Espanha.

Otro argumento asaz claro de la prudencia gubernativa y policia ordenada y senalado uso de razón destas naciones, y loables costumbres, quiero aquí traer, (...) la summa diligencia y no poco fatigable cuidado que tuvieron en la disciplina y honesta y racionalísima crianza de sus hijos (LAS CASAS, 1958, p.286).

A partir de Montezuma I⁴, os soberanos de Tenochtitlán tornaram o ensino obrigatório, criando escolas em cada *calpulli*⁵. Apesar de funcionarem em regime de internato, isso não impedia que os alunos fossem dormir em suas casas.

A importância atribuída à educação levou os astecas a acreditarem que eram convocados a ensinar os seus pares. Nesse clima educacional, coube aos anciãos uma participação ativa na aprendizagem de crianças e jovens, ao socializar os saberes acumulados ao longo dos anos. Essa ação pedagógica foi promovida e amparada pelas quatorze leis de Montezuma I que consagraram na sociedade asteca a supremacia do antigo sobre o novo e dos velhos sobre os jovens. Por meio dessas leis, o imperador conclamava os idosos a castigar e corrigir os jovens e velar por que eles cumprissem suas obrigações, bem como os exercícios habituais, evitando dessa forma que ficassem na ociosidade (TODOROV, 1992).

Esta regulamentação por meio de leis aponta para a complexidade e as contradições da sociedade asteca e a existência de atores sociais resistentes à ordem posta – como criminosos, alcoólatras, prostitutas, ladrões e ociosos, entre outros – num indicativo das suas insatisfações com o que se instituía em sua sociedade. Mesmo com alguns quadros dissonantes, a educação era uma preocupação coletiva e quase unânime da sociedade. Por suas atribuições, o imperador era o maior responsável pelo processo educacional, tanto que começava sempre seu reinado dando uma série de conselhos morais como programa de governo.

1.1 A educação familiar

Conquanto a sociedade e as autoridades imperiais estivessem comprometidas com o processo formativo, os primeiros educadores eram sempre os pais. Aos meninos ensinava-se o cultivo da terra, a caça, a pesca e a bravura; às meninas, os serviços domésticos, o recatamento e a castidade; para ambos, a lealdade, a obediência, o respeito às tradições. Apesar do carinho e do desvelo com que os pais se dedicavam à educação dos filhos, a disciplina era severa, razão de abundarem os castigos físicos. Antes dos oito anos, a disciplina era obtida pelo método da repressão, mas, a partir de então, os pais recorriam aos castigos corporais, que se tornavam cada vez mais severos à medida que os filhos cresciam. As punições apresentavam uma gradação: beliscão; açoite com vara; picadas com espinhos de *maguey*⁶; irritação das mucosas, dos olhos

e nariz pela inspiração forçada de gases produzidos por fumaça; exposição a baixas temperaturas, sem roupas, durante todo o dia. Esse rigor disciplinar, com requintes de crueldade, parece indicar o desejo da sociedade asteca de obter uma rápida socialização dos seus jovens e assim antecipar o ingresso desses novos membros nos seus quadros produtivos (BELTRÁN, 1992). Mas os castigos físicos não substituíam os conselhos dos pais, objetivando tornar os filhos homens exemplares. Nesse sentido, merece destaque a preocupação com a laboriosidade, pois, para os astecas, a ociosidade era a causa de todos os vícios.

Segundo um antigo preceito, os pais, a partir do seu exemplo, deviam exortar seus filhos a levar uma vida digna e a buscar o seu sustento por meio do trabalho honesto.

Mira, hijo, no seas ladrón, ni jugador, porque caerás en gran deshonra (...). Trabaja de tus manos y come de lo que trabajares, y vivirás muy a tu placer. Con mucho trabajo, hijo, habemos de vivir; con sudores y trabajos te he criado, y así he buscado lo que habías de comer y por ti he servido a otros (LAS CASAS, 1958, p.302)

Os pais também cuidavam da boa linguagem de seus filhos. Zelavam por que eles soubessem se expressar de maneira correta e elegante, que nas conversações fossem respeitosos, prudentes, e coerentes em suas exposições.

Sé, hijo, bien criado y no te entremetas cuando no fueres llamado, porque no des pena y no seas tenido por mal mirado. (...) ni hables demasiado, ni cortes a otros la plática, porque no los turbes, y si no hablas direchamente para corregir los mayores, mira bien lo que tú hablas. Si no fuere de

tu oficio o po tuvieres cargo de hablar, calla, y si lo tuvieres, habla, pero cuerdamente y no como bobo o como quien tiene presumpción, y será estimado lo que dijeres (LAS CASAS, 1958,p.301).

Outra preocupação da educação familiar referia-se à verdade. Caso os pais identificassem nos filhos o hábito de mentir, castigavam-nos com severidade, por exemplo, picando-lhes os lábios com espinhos de *maguey*. Uma antiga lenda registrada por Francisco Lopez de Gómara⁷ diz que o castigo dos lábios foi instituído por *Quatzacóatl*⁸, visando eliminar a tendência de seus súditos a mentir.

Segundo o religioso, o hábito de mentir trouxe sérios problemas aos nativos quando da conquista espanhola, pois os espanhóis, ávidos por ouro, perguntavam onde encontrar a riqueza tão almejada e eles, mesmo sem saber, por medo, apontavam locais de forma aleatória. Ao não encontrar o que desejavam, os conquistadores espancavam e torturavam os informantes (GÓMORA, 1946). Las Casas justificou esse comportamento nativo, na ação espanhola em terras americanas, respaldado no registro que fez de um diálogo travado com um velho religioso.

(...) por ser los españoles gente soberbia y de mucha fantasía, y que los indios les tienen gran miedo y no les osan responder sino lo que a ellos es más apacible, y decir sí a cuanto les mandaban, ora sea posible, ahora no, y que no se confían ni se entienden bien con los españoles, y andan con ellos como amedrentados y sobresaltados; y así, que en preguntando el español al indio alguna cosa, luego el indio se recata para responder recatadamente (LAS CASAS, 1958, p.290).

Independentemente da posição social, o tratamento dado aos que usavam o expediente da mentira inibiu, em certa medida, essa prática entre os astecas, o que fez surgir, entre os defensores das civilizações americanas, a crença de que os nativos desconheciam a mentira. Um exemplo pode ser tirado de Las Casas, que exaltou a falta de “duplicidade” nos nativos e, em contrapartida, criticou o comportamento de desrespeito à palavra e à verdade adotado pelos espanhóis em terras americanas, de forma que o imaginário dos nativos associou a figura do mentiroso com o Cristianismo. Em inúmeras ocasiões, quando lhes perguntavam se eram cristãos, a resposta era imediata: “Si, señor, ya soy un poco cristiano, pues sei mentir un poco, un día sabere mucho y sere mucho cristiano” (LAS CASAS, 1951, p.145).

Os filhos dos nobres não eram educados diretamente por seus pais, pois, enquanto membros do setor dominante, esses grandes senhores estavam demasiadamente ocupados para dar essa assistência a seus filhos. Em razão disso, os meninos eram educados por preceptores (LUCENA, 1992), que lhes proporcionavam uma educação básica, até que fossem encaminhados para as escolas-templo.

As características gerais da educação asteca privilegiavam o homem na sua condição de guerreiro e sacerdote, enquanto a mulher tinha sua educação restrita à esfera do lar.

2 A educação formalizada

À medida que a sociedade ganhava maior complexidade, tornavam-se necessários outros instrumentos de controle e manutenção social, os quais foram subsidiados pelas normas e experiências anteriores. Entre tais instrumentos destacavam-se os centros educacionais cognominados “casas dos solteiros”, onde os jovens recebiam uma educação formal. Os conhecimentos e habilidades transmitidos nessas instituições permitiam produzir e reproduzir os quadros produtivos e ideológicos da sociedade asteca. Com objetivos específicos, essas escolas – *telpochcalli* e *calmecac* – estavam sob o patronato, respectivamente, de *Tezcatlipoca*⁹ e *Quetzalcóatl*e, com a proteção dessas divindades, os alunos organizavam a vida para cumprir sua missão na sociedade.

Assim, esses centros educacionais representavam a etapa final da formação de um jovem antes de sua inserção como membro efetivo da comunidade.

2.1 A educação no *telpochcalli*

Devido aos fins e à importância dos *telpochcalli*, é provável que tenha existido um em cada *calpulli*. De origem incerta, possivelmente desenvolveram-se a partir dos antigos ritos de iniciação e passagem da adolescência para a vida adulta, quando se testava a capacidade e as habilidades do iniciado como novo membro da comunidade. Essa prática, ao que parece, foi adotada com finalidades educativas e se estendia a todo o período de formação dos jovens (KRICKEBERG, 1990).

Também é provável que essas “casas de solteiros” tenham se transformado em centros de ensino bélico, quando a sociedade asteca ampliou a importância dos sacrifícios humanos nos cultos religiosos, sobretudo a partir das reformas religiosas efetuadas por Montezuma I e, particularmente, com a expansão das conquistas territoriais realizadas pelo mesmo imperador, que trouxeram consigo a necessidade da manutenção das áreas sob a tutela asteca.

A educação recebida no *telpochcalli* era essencialmente prática e rústica, e o conteúdo ministrado ilustra a finalidade que perseguia esse estabelecimento: iniciar os jovens na arte bélica, o que não excluía o ensino de outros valores que davam solidez ao grupo, a exemplo das práticas mágico-religiosas.

Para atender às exigências da guerra, rigorosos e violentos exercícios físico-militares capacitavam o corpo do candidato a adulto a tornar-se um futuro guerreiro. Jejuns, interrupções bruscas do sono, banho a altas horas da madrugada, bem como uma série de exercícios de autoflagelação também compunham a formação oferecida no *telpochcalli*. A atividade curricular era complementada com os trabalhos manuais – como limpeza da escola, reparo de valetas e canais e o cultivo das terras coletivas (BELTRÁIN, 1992).

A rigidez do *telpochcalli* levou Frei Bernardino de Sahagún¹⁰ a qualificar essas escolas como casas de penitência e choro:

(...) donde se se crían y salen hombres valientes, porque en este lugar se merecen los tesoros de dios, orando y haciendo penitencia y pidiendo los tesoros

de misericórdia y merced de darles victorias, para que sean principales, teniendo habilidad para gobernar y regir (SAHAGÚN, 1938, p.289).

Os rigores da disciplina e a violência das práticas preparatórias para a guerra não dispensavam, no *telpochcalli*, a preocupação com o correto linguajar, com as boas maneiras, com o canto e a dança. O corpo docente era formado pelos principais anciãos do *calpulli*, os quais, pelos serviços prestados à comunidade, por seus conhecimentos e habilidades, haviam conquistado o respeito e a notoriedade junto aos seus. Em suas práticas pedagógicas estavam divididos por centros de interesse: os *talmacazque*, que detinham grande sabedoria mágica; os *achcaulli*, encarregados das atividades bélicas; os *telpochcalli*, conhecedores das normas que regulavam os bons costumes e os métodos apropriados para se obter a disciplina (BELTRÁIN, 1992). Estes mestres ensinavam seus conteúdos por meio de cantos, admoestações e orações que duravam parte do dia. Em face da inexistência da escrita, o método de ensino utilizado era a repetição das exortações apresentadas. Cabia ao jovem decorar o que lhe era transmitido e, caso não o reproduzisse na íntegra e corretamente, eram-lhe aplicados castigos físicos, como, por exemplo, perfuração da língua com o espinho *maguey*.

Além disso, os jovens permaneciam em contato constante com as atividades do templo e, sob os olhares de um supervisor, realizavam as mais diversas tarefas: participavam dos ritos, acendiam as fogueiras e cuidavam da limpeza de suas dependências.

As penitências que os discípulos eram obrigados a fazer constituíam parte significativa no ensino da religião. A ofe-
renda do próprio sangue era uma forma de obediência e respeito aos deuses, daí os mestres induzirem seus alunos a perfurarem o corpo, principalmente as orelhas e as pernas, como sacrifício.

Não era descuidado por parte dos mestres o ensino da moral e da obediência às leis consagradas pela tradição e pela sociedade. A preocupação era fazer do jovem um homem cordial e moderado nas suas ações, obediente às autoridades, amoroso para com os pais, respeitoso para com os mais velhos e os mestres, leal nas amizades, corajoso e valente na guerra.

As regras de comportamento deveriam atender às exigências do local. Quando em público, por exemplo, o jovem deveria andar de cabeça baixa e ter cuidado com as bebidas alcoólicas. No conjunto, as regras velavam por que os discípulos assimilassem as virtudes cívicas e militares. Enfim, os educadores preparavam os jovens para igualar ou superar os seus feitos. Diariamente os alunos recebiam, na *cucacalla*¹¹, instruções sobre as tarefas a serem realizadas (ROJAS, 1992).

Ao pôr do sol dava-se por concluído o labor diário e, nesse momento, iniciavam-se os cantos e as danças que perduravam até a meia-noite, horário do descanso. Dormiam em *petates*¹², em salas abertas, com pouca roupa, mesmo que estivesse frio, o que tinha por objetivo adaptá-los às dificuldades da guerra.

Não obstante, nem todos os jovens atendiam às exigências físicas necessárias

para suportar a demanda dos treinamentos. Para aqueles que não conseguiam acompanhar o ritmo das atividades, eram abertas outras possibilidades: o trabalho nos *calpullis*, a pesca, o artesanato, a limpeza pública e a agricultura, exercícios que não eram tidos como tão honrosos quanto a preparação para a guerra. Dos que entravam no *telpochcalli*, apenas os de maior vigor físico chegavam à condição de guerreiro, caso por isso optassem.

Vale lembrar que, para o asteca, a atividade bélica era objeto de admiração. Não havia nada de mais honroso do que fazer prisioneiros para os sacrifícios, ou até mesmo chegar a uma morte gloriosa no campo de batalha. Tal concepção se explica por pelo menos dois motivos. Primeiro: a vida dedicada à guerra era entendida como missão religiosa, conforme já mencionado, obtenção de vítimas para os sacrifícios que garantiriam a harmonia do Cosmo e, por extensão, da sociedade; segundo: a guerra tinha como função a produção da vida material, visto que as conquistas possibilitavam os bens necessários e a arrecadação dos tributos que moviam o Império.

Os jovens deixavam o *telpochcalli* por volta dos vinte anos, por solicitação dos pais, para casar. Era o momento da opção: tornar-se guerreiro ou civil comum. De qualquer forma, era um ato que os convertia em membros plenos da comunidade.

2.2 A educação no *calmecac*

A origem dos *calmecac* também é incerta. Possivelmente terão surgido em decorrência do período de relativa estabilidade que viveu a sociedade asteca,

possibilitado pelas mesmas reformas sociais e religiosas. Nesse momento também se expandiram os serviços públicos e religiosos.

Ao que parece, o número desses estabelecimentos era limitado; portanto, não extensivo a regiões mais distantes do centro do Império.

A designação *calmecac*¹³ não favorece o entendimento do papel exato dessa escola na estrutura da sociedade asteca, nem permite supor se era uma instituição específica para os setores dominantes. O certo é que os *calmen* eram freqüentados pela nobreza, ciosa de ampliar sua influência política e religiosa, por oferecerem uma formação seletiva, complexa e distinta da ministrada ao jovem do povo. Tendo em vista atender a esse quadro, o *calmecac* se constituiu em uma escola superior, a cargo dos sacerdotes, com o papel de complementar a educação recebida pelo jovem no *telpochcalli* e formá-lo para os altos cargos administrativos e para a hierarquia sacerdotal (BELTRÁIN, 1992).

Em razão disso, nessas escolas, materializava-se a aliança celebrada entre o "clero" e a nobreza. Nelas os sacerdotes repassavam seus conhecimentos, vislumbrando a possibilidade de engrossar suas fileiras com parte dos jovens ali internados. Muitos dos *pipiltin*¹⁴ eram cooptados de imediato para seguir a vida religiosa.

A vida no *calmecac* era austera, com vistas à preparação para o sacerdócio ou para os altos cargos na administração, motivo de constar no currículo o estudo da astrologia, dos mitos, das pinturas sagradas, do calendário adivinhatório, da história, da

hermenêutica, da interpretação, da oratória, e da retórica. Acrescente-se o exercício de uma língua culta, diferente da usada pelo povo. Daí a atenção especial que se dava ao domínio do verbo, da palavra. Os alunos que não falassem ou saudassem adequadamente eram picados com espinhos de *maguey*, pois um dos objetivos dessa escola era torná-los bem-falantes e bons intérpretes.

Essa preocupação com a fala pode ser explicada, na tradição asteca, pela escolha dos altos dignitários reais, em que constavam como o principal item as qualidades oratórias do pretendente. Os imperadores sempre tinham em sua companhia oradores experientes e hábeis para falarem e responderem aos questionamentos, quando necessário.

A associação entre o poder e o domínio da língua efetivava-se no próprio imperador, chamado de *tlantoani*¹⁵.

De caráter ritual, a fala privilegiada pelos astecas, em suas formas e em suas funções, era regularmente memorizada e, nos momentos oportunos, sempre recitada (TODOROV, 1991). A sua forma mais expressiva era a dos *huechuehtlahtolli*, elegantes discursos que tratavam dos mais variados temas: o poder, o círculo doméstico, a educação, os deuses, as cerimônias na corte, ritos de passagem (nascimento, puberdade, casamento, morte), partidas e encontros, entre outros. Elaborados numa linguagem cuidadosa, eram tidos como legados de tempos imemoráveis, o que explica o arcaísmo lingüístico. O processo de transmitir esses discursos e de velar por sua exata reprodução estava a cargo dos *tlaplizcatzin*¹⁶

(GRUZINSK, 1993), que recitavam ou cantavam os textos rituais para que os jovens os reproduzissem conforme haviam sido apresentados. O procedimento mais utilizado era a associação de duas “palavras” ou expressões para exprimir uma noção abstrata – por exemplo, jade e pena podiam transmitir o conceito de belo, beleza, entre outros (NICHOLSON; CARLSOL, 1998). O seu papel correspondia ao de toda palavra numa sociedade sem escrita, o que cristalizava a memória social, ou seja, o conjunto de leis, normas e valores que eram repassados de geração a geração. Desse modo, garantiam a identidade da coletividade.

Importa considerar que o domínio do conhecimento expresso no *huehuetlatolli* aponta a distinção que desfrutavam os setores sociais privilegiados. O homem do povo não era agraciado com o mesmo refinamento e saber, o que o excluía da possibilidade de ocupar uma posição de destaque na estrutura social.

O conhecimento da história colocava os velhos e sábios mestres como os mais respeitados guias, pela capacidade que tinham de transitar pelas antigas tradições e, a partir delas, organizar as concepções de mundo, de homem, de sociedade e religião. Este aprendizado era feito por meio de pinturas e/ou “livros” sagrados conhecidos por códices, que preservavam a história e as experiências diárias, quer coletivas quer individuais.

Os códices, organizados nos *calmecac*, reuniam informações sobre os deuses, os ritos, as festas religiosas, calendários, cálculos astronômicos, conhecimentos sobre plantas e animais, mapas, genea-

logias dos reis e de famílias nobres, bem como inventários das províncias que pagavam impostos e das riquezas do Império (FLORESCANO, 2000). Enfim, constituíam-se em instrumentos de informação e controle da sociedade asteca. Estas diversidades registradas nos códices refletiam a complexidade da educação ministrada no *calmecac* e colocavam na ordem do dia a especificidade de certos conteúdos que atendiam à demanda de homens preparados para responder às necessidades do aparato administrativo.

As preocupações do *calmecac* incluíam o estudo da astronomia, pois em sua maior parte os ritos cerimoniais estavam associados aos fenômenos celestes, portanto, constituíam conteúdo necessário para o exercício do sacerdócio.

A observação celeste era feita do topo das pirâmides, onde os sacerdotes, devidamente posicionados, mapeavam o céu para identificar constelações e sinais que indicassem nomes favoráveis para os recém-nascidos e os melhores dias para casamentos, batalhas, plantio e colheita.

O estudo celeste para o conhecimento e leitura dos astros e dos ciclos temporais era de grande importância não apenas para determinar datas cerimoniais, mas também para a tomada de decisões importantes para o Império. Montezuma, por exemplo, não deixava de consultar os astros e interpretar os presságios, quando atormentado pelas notícias que recebia dos seus mensageiros sobre os “visitantes estranhos” que desembarcaram no litoral, em 1519.

A contagem do tempo era feita em dois calendários. Um deles, o civil, corres-

pondia ao ano comum, *xihuitl*, que tinha dezoito meses, cada um dos quais formado de vinte dias, num total de trezentos e sessenta dias, mais um período adicional de cinco dias. O outro calendário era ritual, o *tonalpohuralli*, formado pela combinação de nomes de dias com treze números, totalizando duzentos e sessenta dias.

Isto mostra que a concepção de tempo dos astecas era diferente da européia. Nesta última, o tempo era entendido como um meio neutro, no qual os acontecimentos se sucedem numa relação de dependência causal, enquanto para os astecas os dias, meses e anos incorporavam características divinas e expressavam a vontade da divindade, e por extensão, o próprio tempo era divinizado (KRICKBERG, 1990).

A prática do jejum e o trabalho árduo eram constantes nessa escola. A disciplina, essencialmente rígida, incluía constantes autoflagelamentos. Os jovens se levantavam quatro vezes por noite para oferecer *copal*¹⁷ aos deuses.

Por volta dos vinte anos, o jovem asteca concluía seus estudos no *calmecac*, época em que optava pelo sacerdócio - e, por extensão, pelo celibato - ou pelo matrimônio e o serviço de Estado na administração imperial.

Importa lembrar que as diferenças existentes entre o *tepochcalli* e o *calmecac* provocavam uma forte rivalidade entre seus alunos. Uma vez por ano, no mês *atlmoztli*¹⁸, esses jovens entravam em confronto, na chamada *novatada*, que consistia na invasão e saque do mobiliário das escolas rivais (SOUSTELLE, 1992), prática, ao que parece, dissonante dos altos valo-

res morais ensinados nessas instituições.

Considerações finais

No momento em que voltamos a nos interrogar a respeito das origens da expansão mundial, a questão da globalização e da união dos países americanos recoloca na ordem do dia temas como aproximação e convivência de ordem econômica e cultural, exigindo um repensar de valores e modos de vida. Isso traz consigo a necessidade de se intensificarem as relações entre os países latino-americanos, tendo-se em vista a elaboração de um perfil continental que gravite em torno de objetivos comuns. Neste sentido, o estudo da experiência educacional desenvolvida pelos astecas se converte em peça significativa, na medida em que traz à luz elementos capazes de contribuir para uma reflexão acerca da educação americana na atualidade. Esta possibilidade ganha importância quando se tem em conta os claros objetivos da educação asteca, que pontuava fortemente o homem que queria formar, embora os métodos por eles utilizados agridam a nossa forma de conceber a educação. O mesmo não pode ser dito da realidade educacional da América Latina, que, após quinhentos anos, continua tateando nos descaminhos das propostas pedagógicas, sem chegar ao ideal de formação do verdadeiro homem latino-americano.

As características educacionais astecas, pouco conhecidas dos historiadores da educação, podem ser entendidas na sua organização social, que foi profundamente marcada pela dualidade – de um lado,

guerreiros; do outro, sacerdotes –, quadro que não chegou a afetar a dinâmica da civilização do planalto Anahuac. Produto dessas relações sociais, a educação expressou essa realidade por meio do *tepochcalli* e do *calmecac*, sacralizada nos patronatos de *Tezcatlipoca* e *Quetzalcóatl* que incorporavam duas concepções de mundo, de vida e de homem. O ideal guerreiro do *tepochcalli* e o sacerdotal do *calmecac* desempenharam seus papéis, ao contribuírem para criar e recriar as condições materiais e espirituais de existência na sociedade asteca, assegurando a sua reprodução, em face do caráter econômico das guerras, geradoras de tributos e do papel assumido pela religião no mecanismo de dominação.

Assim, mediante necessidades diferenciadas, o sistema educacional tomou para si diferentes formas e propostas de ensino, para criar determinado tipo de homem, capaz de responder simultaneamente às necessidades produtivas da sociedade e às exigências da estrutura de dominação, até ser destruído pelo processo colonizador dos espanhóis.

Notas

¹ O correto seria usar *méxica*. Optou-se pelo uso comum – *asteca* – popularizado a partir do século XVIII, pelo historiador Francisco Xavier Clavijero.

² Natural de Medina do Campo (1495), veio ainda jovem para a América. Participou de expedições anteriores à que culminou com a conquista do México (1519). Com idade já avançada, escreveu a sua *História Verdadeira sobre a Conquista da Nova Espanha*, um dos relatos mais importantes sobre a conquista mexicana, escrito por um dos expedicionários. Radicou-se na Guatemala, onde morreu em data incerta, possivelmente em 1580.

³ Cognominado de “Apóstolo dos Índios”, nasceu em Sevilha, em 1474. Chegou à América em 1502, foi padre na ilha Hispaniola e bispo em Chiapas. Conver-teu-se em célebre defensor dos nativos americanos. Em 1574, aos setenta e três anos, retornou à Espanha, onde atuou como defensor dos nativos, durante as duas últimas décadas de sua vida. Nes-se período também escreveu suas obras históricas mais importantes sobre as Américas. Faleceu em Madri, em 1566, aos noventa e dois anos.

⁴ Imperador eleito em 1440, fez grandes reformas sociais, políticas, administrativas e religiosas. Seus exércitos ampliaram para o sudoeste as fronteiras do Império. Foi sucedido por seu neto Axayacátl, em 1469.

⁵ Unidade territorial em que estava dividido o Impé-rio Asteca. Contava com terras comunais, chefes, escolas e funcionários próprios.

⁶ Planta do gênero agave, de que os astecas extraíam o pulque (bebida) e fibras. Designativo da pita.

⁷ Natural de Gómara, província de Sovia (1511). Re-cebeu sólida formação humanista em Roma, onde se ordenou. Conheceu Fernando Cortés, o conqui-sador do México, em 1541, tornando-se seu amigo e capelão. Escreveu alguns trabalhos, entre os quais *A Conquista do México*. Nunca esteve na América, seu trabalho foi resultado de conversas, testemunhos e informações. Faleceu na cidade que lhe deu o

nome, em 1562.

⁸ Antiga divindade tolteca assimilada pelos astecas. Identificado com um herói cultural que tinha civili-zado o povo méxica e havia desaparecido no Oriente, de onde se esperava o seu regresso. Era o deus do vento, da civilização e do saber. Também chamado “A serpente emplumada”. Era o protetor do calmecac – escola do templo.

⁹ Deus asteca capaz de encarnar outros deuses, conforme a cor que assumia. Tinha outras designa-ções. Tlepachtli (jovem) e Yáoti (guerreiro). Também era chamado “O espelho fumegante”.

¹⁰ Religioso nascido em Sahagún, na província de Leon, entre 1499 a 1500. Tinha aproximadamente trinta anos quando veio para a América. Foi professor de latim e gramática no Imperial Colégio de Santa Cruz de Tlatelolo. Escreveu um importante trabalho sobre a história do México.

¹¹ Sala, dependência da escola.

¹² Esteira de fibra que se usava para dormir.

¹³ Linhagem.

¹⁴ Filhos dos grandes senhores da hierarquia asteca.

¹⁵ Orador, sábio, “aquele que possuía a palavra”.

¹⁶ Sacerdote.

¹⁷ Resina que produzia um odor agradável e era utilizada como incenso nos braseiros dos templos.

¹⁸ Décimo sexto mês do calendário asteca.

Referências

BELTRÁN, Gonzales Aguirre. *Teoría y práctica de la educación indígena*. México, Fondo de Cultura económica, 1992.

DÍAS DEL CASTILLO, Bernal. “Verdadera Historia de los sucesos de la Conquista de la Nueva España”. *Historiadores Primitivos de Indias*. T.2, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1947.

FLORESCANO, Enrique. “El mito de Quetzalcóatl”. México, FCE, 1998.

KRICKEBERG, W. “Las antiguas culturas mexicanas”. México, FCE, 1990.

LAS CASAS, Bartolomé “Apologetica História”. *Historiadores Primitivos de Indias*. T. IV, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1958.

LAS CASAS, Bartolomé: *Historia de las Indias*. México. Fondo de Cultura Económica, vol. 3, 1951.

LOPEZ DE GÓMORA, Francisco. “Historia Geral de las Indias”. *Historiadores Primitivos de Indias*.

T.I, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1946.

LUCENA, Manuel. *Así vivan los aztecas*. Madrid, Anaya, 1992.

NICHOLSON, H.B. (Org). "Astecas: reinado de sangue e esplendor". Rio de Janeiro, Abril Coleções, 1998.

ROJAS, José Luis. "Los aztecas". *Historia de Iberoamerica*. T.I, Madrid, Catedral, 1992.

SAHAGÚN, Bernardino de. *História general de las cosas de Nueva España*. México, Editorial Pedro Robredo, 1938.

SOUSTELLE, Jacques. *El universo de los aztecas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

TODOROV, Tevetan. *A Conquista da América*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Recebido em 03 de abril de 2007.

Aprovado para publicação em 31 de maio de 2007.